

ARTE SABOR BRASIL.

Cuidado, este produto causa
desemprego, fadiga, burnout
e sensação de inutilidade.



Jornal sem Gosto

03 Edição

Ficha técnica:

Editor-Chefe: Guilherme Brollo
Diretora de Financias: Ana Carolina Knop
Produção: Giovana Tartas
Projeto Gráfico: Juliana Zucchetti e Marina Sá
Ilustração: Leticia Campara
Texto: Alexia Christinny, Caim Damico, Camila Longatto, Giovanna Campara, Guilherme Brollo, Luiz Lima, Marina Sá, Rafaella Disner e Vaguelis Silva
Revisão: Giovanna Camila Campara
Apoio: Beco
Tiragem: ?



Introdução

Guilherme Brollo

Depois que eu idealizei toda a imagem de ser apenas artista visual, percebi que vai talvez demorar mais do que pensei, por conta das minhas ambições. Será que Deus está testando a minha vontade? Ou o capitalismo acelerou meu desejo de crescer?

Nesta angústia, comecei a percorrer todos os momentos que poderiam ter dado à luz a ideia de ser artista, mas por onde eu começo? Na escola, quando preparava um presente para o dia das mães e achei que eu era criativo? Ou quando pinteí o Abaporu da Tarsila do Amaral com cores totalmente diferentes às que estava na pintura original?

Talvez o impulso estivesse nas minhas tentativas (falhas) de prestar atenção nas aulas de matemática, quando resolvi, ao invés disso, desenhar o que estava à minha volta, além de sempre ter desenhado o professor em diversas situações constrangedoras.

Através da armadilha de pensar que cursar licenciatura em artes visuais, e do pensamento de que pelo menos terei um emprego, percebo que o caminho da educação possui dificuldades e desafios preocupantes, como as condições nas escolas, carência de materiais artísticos, baixo salário dos educadores, demandas do governo

(por exemplo, a plataforma), acarretam o adoecimento dos servidores.

Neste momento, eu chego à conclusão que, independente do caminho profissional que escolhemos no campo artístico, sempre precisamos, de certa forma, enfrentar as dificuldades que nos negam tantos direitos. Mas ainda fico na persistência de visitar os vestígios de uma memória saturada, fragmentada e inventada para compreender o motivo para continuar produzindo.

Porém, a nostalgia não justifica quase nenhuma das minhas escolhas para ser artista, muito menos todas as violências que ocorrem nas enganosas oportunidades que nos são oferecidas no nosso início de carreira, aos menosprezos das instituições porque ainda não temos reconhecimentos ou uma profissão promissora.

Junto com artistas que precisam dos seus egos alimentados por uma mísera validação que perseguem

desde o início da carreira, também aos estágios precários que sobrevivemos, pela esperança de bancar nossas necessidades básicas, se sobrar, compramos matérias na necessidade de produzir, sempre presos na precariedade e validação

No entanto, eu reconheço que existe uma beleza quando recordamos de cada etapa dos processos artísticos, de observar os brilhos nos olhos e a percepção de cada trabalho nos adolescentes através da mediação. Os diálogos no ateliê com os outros artistas e as aberturas das exposições sempre nos incentivam para continuarmos, e outras coisas que ainda são desconhecidas no meu vocabulário.

O mar agitado das angústias de um editor-chefe, faço-lhes um convite para lermos aos artistas que trazem suas experiências e pensamentos através de uma questão: "Por que continuamos trabalhando com arte?".



TESTEMUNHO

Metamorfismo
Vaguelis Silva, 2021

Testemunhar, segundo a tradição católica,
é professar publicamente uma verdade de
fé. Um ato de conversão, de pertença a um
corpo moral.

Mas, para mim, travesti que sou,
testemunhar é antes um ato de ruptura.
É carregar no corpo aquilo que a igreja
tentou apagar.

Minha fé está no barro, no gesto, na reinvenção diária de uma vida que nunca coube nos altares. Se a igreja impôs silêncio, minha arte responde: eu sou o milagre que vocês tentam matar. Como já dizia Renata Carvalho em sua peça “O evangelho segundo Jesus, rainha do céu”, Jesus é uma travesti!

Me chamo Vaguelis Silva. Sou artista visual, ceramista e pesquisadora, nascida em Paranaguá/PR em 1995. Hoje, moro em Curitiba e curso Artes Visuais na Universidade Federal do Paraná.

Minha poética nasce desse atrito entre o que me foi negado

e o que insisto em ser. A cerâmica se tornou meu corpo expandido: maleável, queimado, curado, refeito, transformado. Minha produção atravessa outras linguagens artísticas, mas é na cerâmica que escuto com mais clareza aquilo que ecoa minha existência: a experiência travesti como centro, como potência criadora, como testemunho que resiste à tentativa de conversão.

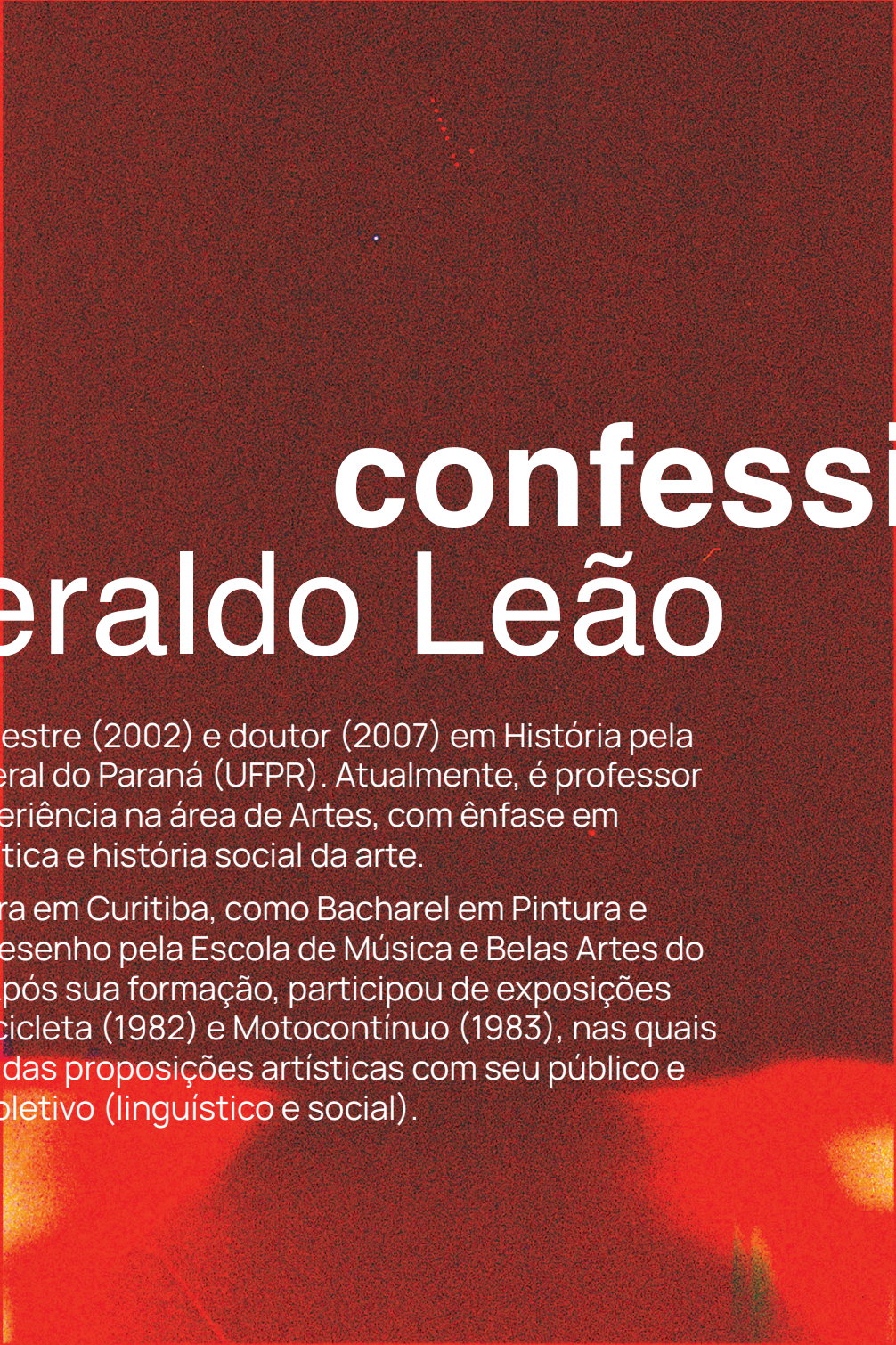
Falo da travestilidade como um lugar possível de beleza fora da ótica cisgênera, de dor, de pensamento e de linguagem. Um lugar onde o corpo não precisa pedir permissão para existir. Minha arte provoca, tenciona, denuncia, mas também sonha. Sonha com um mundo em

que corpos como o meu não precisem mais se justificar diante de um púlpito. Sonha com uma fé que não exclua.

Na cerâmica, aprendi a importância do tempo – o tempo de modelar, de esperar secar, de queimar. Aprendi que nem tudo se controla. Que, às vezes, a peça racha, e ainda assim, permanece bela. Como nós. O barro, como a travesti, carrega o risco e a glória da transformação.

Se a igreja tradicional exige pureza, minha obra celebra a mistura. Se exige submissão, minha arte dança com o desvio. O testemunho que trago para os meus trabalhos é o da vida que

insiste, mesmo sob condenação. Testemunho do barro/corpo que um dia cuspiram no chão, mas que hoje levanto com minhas mãos para moldar outro futuro.



confessionário com Geraldo Leão

Geraldo Leão é mestre (2002) e doutor (2007) em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente, é professor da UFPR, com experiência na área de Artes, com ênfase em pintura, arte e política e história social da arte.

Iniciou sua carreira em Curitiba, como Bacharel em Pintura e Licenciatura em Desenho pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná em 1980. Após sua formação, participou de exposições coletivas como Bicicleta (1982) e Motocontínuo (1983), nas quais discutiu a relação das proposições artísticas com seu público e sua inserção no coletivo (linguístico e social).

Entrevista realizada no dia 11/06/2025 pelo editor-chefe Guilherme Brollo no ateliê do artista Geraldo Leão.



Cobre e vidro, 2025
Folha de ouro sobre
cobre oxidado, vidro e
parafuso de
cobre sobre madeira
13 x 13 x 3 cm



Mão, 1996
Escultura | Chumbo,
cobre e terra,
dimensões variadas

(*GUILHERME BROLLO*) Em que momento você considerou seguir a carreira de artista?

(**GERALDO LEÃO**) “Eu tinha contato com as artes desde pequeno. Eu desenhava muito, mas nunca havia pensado em seguir uma carreira artística. Mesmo quando entrei na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), ainda não pensava na carreira. Só lá dentro fui perceber que isso poderia ser uma atividade profissional e de vida. Pelo final do curso, eu já estava interessado nisso, mas creio que depois de um ou dois anos de formado foi quando percebi que, na verdade, já estava dentro da briga.”

(*GUILHERME BROLLO*) Poderia falar um pouco sobre o seu processo artístico? Principalmente a escolha da pintura como linguagem principal?

(**GERALDO LEÃO**) “Temos que contextualizar o momento em que se começa a pensar nessas coisas: lá no final dos anos 70 em Curitiba, no Brasil e no mundo, a pintura para as novas gerações estava explodindo. Tínhamos contato com a Transvanguarda italiana e Novos selvagens alemães, todos artistas muito jovens que estavam retomando, para o bem ou para o mal, uma concentração neste meio que já estava desacreditado para os artistas mais estabelecidos, das gerações anteriores. Foi uma mistura de juntar uma coisa que já sabia mais ou menos como fazer, que é o desenho, com trabalhar sobre um plano, e o momento da época.”

(*GUILHERME BROLLO*) O que você pensa no momento em que está produzindo?

(**GERALDO LEÃO**) “Só nos problemas que o material me propõe.”

(*GUILHERME BROLLO*) Depois de tantos

séculos, a pintura é um meio estabelecido na história da arte, por que você continua apostando na pintura?

(**GERALDO LEÃO**) “Porque é o que eu sei fazer. Na verdade, a pintura é um meio, sempre considerei isso. Desde os primeiros trabalhos, por mais imaturo que fosse, trabalhei numa maneira que tencionava o meio, pensava nos limites da pintura e do plano, numa atividade sobre um plano, mas pensando nos limites da tridimensionalidade. Acho que a pintura continua sendo um meio, como qualquer outro, para discutir questões que são universais, independente do meio.”

(*GUILHERME BROLLO*) Qual é o motivo de escolher materiais como chumbo, cobre, granito e outros para compor a sua pintura? Como eles influenciam no seu processo artístico?

(**GERALDO LEÃO**) “A escolha destes materiais iniciou nos anos 90/95, quando estava passando por um momento forte, cheio de tensões existenciais e tinha acabado de produzir uma quantidade muito grande de pintura em acrílico. Com aquela série de pinturas, não estava dando conta dessas novas urgências pessoais. Fiz minha última (durante muito tempo) exposição no MAC-PR, em 1996, que era basicamente composta por trabalhos com chumbo, cobre, carvão, terra e cal, materiais orgânicos. Fiquei muito interessado nesses materiais devido a sua qualidade pictórica, alinhados ou separados dos significados que já tinham culturalmente. Muito depois, a partir do final da exposição do Museu Oscar Niemeyer (MON, 2018), eu comecei a retomar essa questão pensando na cor. E, trabalhando num grupo de pesquisa sobre cor, comecei a me concentrar na percepção da cor que as coisas têm. Quando falamos de cores ou pesquisa de cor, pensamos num Pantone, tinta colorida, e comecei a pensar que para um artista, a cor que o mundo e as coisas têm são mais importantes. Aí, fiz um conjunto de

trabalhos que dessem conta da discussão.”

(*GUILHERME BROLLO*) Como foi esta relação de artista produzindo em seu ateliê e tornar-se professor de pintura da UFPR? Como afetou suas questões e percepções na pintura?

(**GERALDO LEÃO**) “A entrada na UFPR aconteceu num momento em eu estava passando por questões pessoais intensas e que, como consequência, me afastaram da produção cotidiana da pintura. Ao mesmo tempo, eu precisava pagar as contas, eu vivia de pintura. Então, apareceu a oportunidade deste concurso, acabei passando, por sorte inclusive, e a partir daí me dediquei sobre a tarefa de ser professor. Antes, eu ministrava cursos livres, já tinha alguma experiência didática, mas é diferente quando preciso seguir com método um grupo de estudantes. Basicamente, aprendi a ser professor dando aula na universidade. Isso me tomou energia, porque é apaixonante, fiquei basicamente 18 anos sem expor alguma coisa. Fui retomar a pintura sistematicamente em 2014. Antes, eu produzia para registrar uma ideia. Então, motivado pelos meus estudantes e ex-estudantes que já estavam se tornando grandes artistas e me provocando esteticamente, achei bom me testar, será que eu ainda existo como artista? Dá conta para bater bola com a moçada? Foi aí que ocorreu, a convite da Cristiane Silveira, a exposição no MumA em 2014.

(*GUILHERME BROLLO*) Você pode contar alguma dica ou segredo para os futuros artistas?

(**GERALDO LEÃO**) “Primeiro, precisa conhecer arte. Isto é, ver todas as exposições possíveis, ler tudo que puder sobre arte e artistas, muito mais do que filosofia, história, crítica e outras coisas. E por fim, trabalhar e trabalhar, se possível diariamente.”

TEM GOSTO?

LITERATURA



GIOVANNA

CAMPARA

Tente explicar a alguém a arte da fome! Não há como torná-la compreensível a alguém que não a sente.

— Franz Kafka

Gosto de pensar que é a arte que nos diferencia dos animais — não o sadismo, não a moralidade, não os polegares opostos, arte. Não vamos nos demorar aqui tentando definir o que é arte, pois a única coisa mais inútil do que ela própria, como Oscar Wilde gostava de falar, são as incontáveis tentativas infrutíferas de colocá-la dentro de uma caixinha. De qualquer modo, ela existe e permeia todas as facetas de quem somos, quase como se Deus realmente tivesse nos idealizado a própria imagem e nos apresentado com uma fatia do dom da Criação. Naturalmente, todavia, sendo a criatura cabeçuda e trágica que é, o ser humano parece destinado a jamais ficar satisfeito com o que cria. Será que Deus também odiou a própria criação, quando olhou em retrospecto? Sempre algo que precisa ser consertado, uma palavrinha que poderia ter sido melhor empregada, uma pincelada fora do lugar, um traço ligeiramente torto. Tal qual o artista da fome, sobre o qual Kafka nos conta, parecemos estar sempre atrás de mais, nunca satisfeitos, a toda hora nos comparando e pensando “e se tivesse sido diferente?”.

Não sou nada em minha alma senão obsessivo.
— Donna Tartt

Pensando melhor, talvez realmente deveríamos ter tentado definir o que é arte, pois flutuando no meio social com um conceito quase que onipresente mas impossível de se agarrar, incorpora uma definição diferente para cada um. E sendo algo tão maleável, as pessoas parecem utilizar “arte” como um status, como um estado ou atribuição do maior escalão, que podemos conferir ou retirar de alguém a nosso bel prazer. Quem nunca foi a um museu com alguém que estufou o peito e disse “isso aí não é arte, até uma criança conseguiria pintar esse quadro”? Ou “esse tipo de literatura não é arte, isso aqui é besteira para as massas”? A todo tempo nos orbitando mas sempre escapando, a arte se torna um adjetivo que perseguimos desesperadamente como galinhas sem cabeça, pensando em como poderemos agradar o espectador hipotético que nunca ficará satisfeito ou finalmente verá nossas pobres criações como arte.

Devo fugir? De quem? Fugir de mim?
— William Shakespeare

O meu ponto nesse raciocínio, que é um ponto extremamente difícil de aceitarmos e internalizarmos enquanto jovens artistas, é que arte ruim continua sendo arte. Infelizmente, por diversas vezes, usamos a arte como sinônimo de perfeito. E por isso, especialmente por conta das redes sociais, nosso maior medo deixa de ser perder a autenticidade ou a paixão, mas de que nossas criações não sejam consideradas arte. Nos comparamos com grandes mestres que já morreram e, principalmente, uns com os outros, pensando “como posso considerar o que faço arte, se arte como esta existe?”. E no fim das contas, a habilidade humana que mais nos aproxima de Deus, como Tolkien falava, se torna mercantilizada, banalizada. Ao invés de existir como externalização das nossas almas, como meio para expressarmos nossos

maiores amores e medos, veículo que nos conecta a nossos ancestrais e futuros filhos, prova de que de fato chegamos a existir, a arte vira só mais uma ferramenta, um artifício que utilizamos para competirmos. Uma prole que colocamos embaixo de uma lupa e escrutinamos cada pequeno detalhe, para depois dizer “você não é bom o suficiente!”. Que lhe apontamos a um outro quadro, um outro texto, e rispidamente ordenamos “por que você não é mais como ele?”.

Eu quero ser grandiosa, ou nada.
— Louisa May Alcott

E exatamente como pais negligentes, ficamos tão obcecados com uma perfeição humanamente inalcançável que nos tornamos ignorantes ao milagre da arte. Talvez nem todos a apreciem e talvez nem seja como eu havia inicialmente imaginado, mas é minha. Saiu das minhas mãos. Eu a criei. É arte ruim, mas é minha. Talvez a do outro seja melhor, mas essa aqui é minha.

Há uma satisfação enorme na validação externa, não me entenda mal, é muito gostoso escutar de alguém que respeitamos (ou até de um estranho) que nossa arte é boa. Que vale alguma coisa, que faz a diferença. Poder crescer, também, é um processo extremamente proveitoso. Aprender com artistas que admiramos, melhorar nossa poética, encontrar outros modos mais eficazes de nos comunicarmos, de dizer o que queremos dizer com a nossa arte. Até porque, e preciso deixar isso aqui bem claro, arte não é só coração, mas mente também. Existe técnica e estudo e ciência, e com certeza existe o objetivamente bom ou ruim que vai além do gosto pessoal. Mas não podemos completamente fechar nossos corações para a arte, nos tornarmos tão cínicos. A criança, afinal de contas, cria porque parece ser um dos pilares de sua essência, porque seu coração a compele a criar, porque ela não pode evitar. É necessário nos lembrarmos porque criamos arte. A arte é intrinsecamente humana, como discutimos lá no começo. Vive dentro de nós em todas as nossas horas, adormecidos ou acordados, e não há máquina que possa substituí-la, meio social que lhe esvazie ou a pressione para atingir a perfeição, público ou crítico que possa outorgar-lhe determinada condição de não-arte. Uma vez que aceitamos essa verdade, que realmente a incorporamos em nossos trabalhos e rotinas, se nossa arte vem de um lugar genuíno e lhe derramamos o nosso amor, tempo, esforço e cuidado, não há ataques ou inseguranças que possam desmoralizá-la. E como nossos corações e como quem somos, a arte se torna algo que ninguém pode tirar de nós.



Letícia Campara, 2025

Receita Paralelo

Rafaella Disner

Ingredientes

1m de tecido algodão crú/250 ml de gesso acrílico tinta nanquim/água/tinta acrílica branca a gosto tinta acrílica preta a gosto/carvão a gosto/sacos de lixo (pretos)/pincéis

1. Corte as emendas dos sacos de lixo pretos e abra-os. Utilize este material para forrar as superfícies de sua área de preparo (parede e chão).
2. Selecione a quantidade de algodão crú a gosto e pregue o tecido sobre o saco de lixo em uma superfície reta (indica-se a utilização de uma parede).
3. Embeba o pincel ou rolo em uma quantidade considerável de gesso acrílico e espalhe sobre o algodão crú, formando uma camada branca homogênea. Aguarde a secagem do gesso (cerca de um dia quente).
4. Com o gesso seco, retire cuidadosamente o tecido do saco de lixo preto e vire-o de modo que a superfície branca e homogênea transforme-se em verso. Posicione o algodão com gesso no chão.
5. Dilua tinta nanquim em água.
6. formas, corpos, estruturas e figuras criadas pelo gesso que penetrou o algodão crú. Observe também as marcas e vestígios deixadas no saco de lixo preto.
7. Com tinta nanquim a gosto, carvão a gosto, tinta acrílica branca a gosto e tinta acrílica preta a gosto, faça um desenho de observação da paisagem à sua volta (indica-se a realização de um desenho que contenha cadeiras), sobrepondo os ingredientes.
8. Aguarde a secagem e sirva com o saco de lixo preto utilizado para revestir a área de preparo.

por que a gente ainda insiste nisso?

entre peregrinações

marina sá

sobre arte, paixão e outras drogas terríveis

se você me perguntar o porquê de eu ainda insistir na arte, eu provavelmente não vou saber o que te responder. porque é minha paixão? porque é minha graduação? porque eu sou uma pessoa criativa? honestamente, eu não faço ideia.

antes de entrar na faculdade de artes, eu teria respondido que desenhar é a única coisa que faz minha mente ficar em silêncio. muitos colegas do curso têm histórias parecidas, na verdade. parece que a arte salvou a vida de muita gente. não sei se salvou a minha, mas me deu algo para sonhar enquanto passava por fases turbulentas durante o ensino médio. é uma pena que o sonho logo virou um pesadelo: como eu entrei na faculdade no ano em que a pandemia começou, só consegui voltar para o campus na metade do curso, e minha experiência de graduação foi completamente sem pé nem cabeça. isso tudo atrasou minha formação em quase dois anos e ainda me fez odiar o que eu amava. e mesmo assim, eu insisto na arte.

não consigo lembrar do meu primeiro contato com a arte. quando eu era pequena, era algo tão natural quanto respirar. aos poucos, foi virando uma coisa minha: eu era a menina que gostava de desenhar, a futura desenhista que se enxergava na marina da turma da mônica e copiava os desenhos das revistinhas. só que um dia, eu parei de desenhar. achava que tinha sido uma paixão de criança, que eu não ia levar isso para a vida, que eu tinha que gostar de outras coisas. quando voltei a desenhar alguns anos depois, senti que tinha encontrado meu propósito na vida. e, por isso, eu insisto na arte.

depois de inúmeras exposições fracassadas, projetos inacabados e críticas pela metade, eu ainda insisto na arte. é mais forte do que eu, é uma pulsão que vem de dentro, é quase um relacionamento tóxico. ela não me oferece nada: não trabalho com arte, não vendo minhas produções, mal de-

senho no meu tempo livre. e ainda assim, eu não consigo me desvencilhar. eu já nem sei se eu insisto na arte ou se é ela que insiste em mim.

acho que ainda insisto na arte porque vejo ela como algo maior que todos nós, quase que de forma religiosa. é algo que sempre vai me acompanhar, mesmo que de longe. ser artista, na minha experiência, não é algo que se escolhe, é algo que simplesmente acontece. imagino que ouvir o chamado do divino deva ser uma experiência parecida, mas não posso dizer com confiança: ouvi apenas o chamado da arte. talvez seja blasfêmia equivaler a arte e religião, mas eu nunca fui muito religiosa. minhas únicas crises de fé são sobre ser artista, então escrevo sobre o que sei.

no fim das contas, talvez eu não seja a pessoa certa para responder por que a gente insiste na arte. talvez não seja o momento certo para pensar sobre isso. mas, ao mesmo tempo, acho que eu sou exatamente quem deveria escrever sobre isso. ainda mais durante uma crise de fé, para garantir que, mesmo sem saber o motivo, eu sigo insistindo na arte.

e espero que você continue insistindo também.



As aranhas não sabem

como tecem

as aranhas tecem

teias de seda

criam um sonho

forte e elástico

as aranhas não veem

tecem com o tato

seu refúgio.

Sou cega como uma aranha?
Apenas acato os desejos de
minhas mãos, que me pedem
por matéria, substância e sonho.
As vezes, me permito não ver
e me guiar, assim como elas,
pelas fibras que sinto entre meus
dedos. Continuo por horas, com
o fio correndo, tecendo, cega
para o mundo, me guiando pela
comunicação entre as pontas dos
meus dedos que, por magia ou
costume, sabem onde ir.
Como aranha tecelã, crio com fios
imagens sobre o mundo.
Não sei por que continuo, mas
continuo, fazendo o caminho
que minhas mãos pedem. Como
aranha tecelã, não enxergo, e se
enxergo, é pelas mãos.

Camila Longatto Liturgia da Palavra

Bárbara Molinari
Tradução autoral

Tem gosto?

Cinema

Luiz Lima

Quem foi ao cinema ver uma ou outra cinebiografia nos últimos anos provavelmente entende o porquê de o gênero ter adquirido uma má fama entre alguns espectadores.

Quem foi ao cinema ver uma ou outra cinebiografia nos últimos anos provavelmente entende o porquê de o gênero ter adquirido uma má fama entre alguns espectadores. Frequentemente se apoiando na nostalgia dos fãs do biografado e se esquecendo de todo o resto, a “maldição das biopics” parece especialmente real quando o assunto é música. Exemplo disso é o tenebroso *Bohemian Rhapsody* (2015) que retrata a vida do cantor Freddie Mercury por uma lente moralista, e que apesar das suas muitas cenas nauseantes, levou para casa 5 Oscars — incluindo o de melhor edição.

No Brasil temos, entre muitos outros, o não tão catastrófico longa baseado na vida de Renato Russo: *“Somos Tão Jovens”* (2023), que estreou com recepções mais mornas do que a de quem puxava o violão para tocar Legião Urbana no pátio do colégio. É claro que nem só de tragédias sobrevive o gênero, ambos *Better Man* (2024) e *Rocket Man* (2019) se destacaram por brincar, mesmo que muito pouco, com a fórmula ao se aproximarem mais de um musical tradicional, obtendo sucesso moderado — no caso de *Better Man*, também devido ao excêntrico macaco de computação gráfica. Foi nesse contexto de grandes catástrofes cinematográficas que recebi com cautela o anúncio do

drama biográfico do cantor Ney Matogrosso: *Homem com H*, escrito e dirigido por Esmir Filho.

O primeiro sinal de esperança para o filme foi a escalação do já veterano do cinema nacional Jesuíta Barbosa, que é figurinha carimbada no cinema LGBTQIA+. Tendo interpretado Fininha, o jovem soldado que movimenta a trama do ótimo *Tatuagem* de Hilton Lacerda, e apenas um ano depois Ayrton, no drama queer *Praia do Futuro* do diretor Karim Ainouz.

O fato é que *Homem com H* chegou no momento certo para resgatar um público, que surfava na onda da gigantesca campanha de publicidade de *Ainda Estou Aqui*, e estava sedento por mais cinema brasileiro. O longa chegou ao catálogo da Netflix em junho deste ano, menos de dois meses depois do seu lançamento no cinema, fato que causou polêmica entre a crítica especializada.

A bilheteria do filme, que ia muito bem, reduziu drasticamente com a chegada no streaming. *Homem com H*, por bem ou por mal, mantém a estrutura tradicional do gênero, e até replica alguns de seus maiores clichês, escolhendo representar toda a vida do cantor. Muito por isso, o longa se apoia completamente na interpretação

de Jesuíta, que não decepciona ao construir delicadamente um Ney personagem a partir dos maneirismos do Ney real. Sua voz, seus gestos, todo seu corpo compõe um retrato eletrizante, que encara com dignidade o cantor quando ambos se encontram no trecho final do filme. Esse encontro entre ficção e realidade é apenas um de alguns momentos em que o drama histórico cede a representações mais lúdicas da personalidade do cantor.

A abertura do longa em que o pequeno Ney ainda criança explora uma floresta, tocando nas árvores e atravessando um rio, ecoa nas performances onde o Ney se movimenta como um animal selvagem em meio a selva e nas letras que falam da natureza, do corpo e de um homem primitivo. Conectando a criança do início do filme, suas brincadeiras e sua teimosia, a personalidade que iria ser construída no palco.

Essa analogia se fortalece ainda mais quando, após o fim do grupo Secos e Molhados, um Ney adulto retorna a esse mesmo lugar agora caracterizado, buscando construir sua identidade na carreira solo. Entre os clichês que Esmir Filho escolhe replicar, está o foco na relação com o Pai Antônio, interpretado por Rômulo Braga, que toma uma parcela considerável das duas horas de duração do filme. Apesar de serem bem executadas, são cenas que parecem já terem sido vistas dezenas de vezes, não existe palavra que não brega para os momentos melodramáticos que surgem, entre eles: quando é revelada a aceitação velada que Antônio tinha pelo filho.

Já as montagens, frequentemente criticadas em outras produções, são um grande acerto e trazem energia ao roteiro, ao mesmo tempo em que ilustram a famosa presença de palco do cantor. Algo que surpreende em um primeiro contato é a naturalidade com a qual é tratada a sexualidade de Ney.

Diferente de cinebiografias como as de Cazuza e Renato Russo — onde o tema é como uma inconveniência para o roteiro —, *Homem com H* é recheado de cenas de sexo e corpos nus sem nenhum filtro ou moralismo. Ney fica com homens e com mulheres, com parceiros únicos e múltiplos,

*Eu sou o homem de
Neandertal
Catando caramujo na
beira do rio
Eu vivo apenas com
meus próprios meios
Eu vivo em penas com
meus sentimentos
Nasci de um povo
primitivo*

fala abertamente da sua relação com o compositor Cazuza, interpretado por Jullio Reis, e de seu falecido parceiro Marco de Maria, interpretado por Bruno Montaleone. Essa honestidade se torna essencial na última parte do longa, onde a epidemia da aids vira o tema central. Na cena que abre o trecho final do filme, uma cobra vermelha desliza suavemente pelo chão, enquanto escutamos no rádio as primeiras notícias sobre a doença que devastaria a comunidade gay e trans na década de 80 e 90.

O animal rasteja por entre os corpos de Ney e Marco, até o cantor acordar e gentilmente conduzi-la de volta a seu terrário. A cobra, símbolo do pecado e da luxúria, é domesticada e removida da narrativa. A mensagem é clara: Esmir Filho se recusa a tratar a aids pelas lentes conservadoras e moralistas que transformaram a crise em genocídio.

O contraste é grande quando se lembra do longa Cazuza: O Tempo Não Pára, onde uma caracterização simplória fez a aids parecer um tipo de redenção ao Cazuza jovem e rebelde do filme. Homem com H demonstra a perda dos amigos e o cuidado com o parceiro quando ele adoece, humaniza as vítimas da epidemia e respeita sua memória, sempre enfatizando “a gente não tem culpa de nada”.

Agora sozinho, depois de perder o pai e o parceiro, o Ney personagem retorna uma última vez aquela mesma floresta onde ele brinca na abertura do filme, dessa vez uma propriedade sua. Ali, ele encara nos olhos o Ney da realidade que conduz o espectador até um de seus shows, filmado em 2024 na capital paulista. Ao som de Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua — música presente no álbum mais recente do cantor —, Ney Matogrosso afirma que sobreviveu, que ainda está aqui e que sua história não acaba no fim do filme, mas continua nas ruas e nos palcos do Brasil.



Artista em Destaque

Caim Damico

Natural de Curitiba, Toni Graton é artista visual, ceramista e gravador.

Com muita vergonha, confesso que conheci seu trabalho recentemente, com a exposição “Vaso ao Averso”, que também tive a infelicidade de não conseguir visitar. Dito isso, ando estudando seu feed no Instagram como um louco, tentando desvendar o tamanho de suas peças, seus formatos e técnicas, motivos e materiais; as construções de Toni Graton me convidaram a investigar a mitologia do homem e do vaso, a cruzar simbologia e anatomia, matéria e imagem.

Comumente feitos de barro, o homem e o vaso partilham de matéria e concepção, foram criaturas levantadas da terra e moldadas pelas mãos e vontades de seus criadores. Ao adicionar, retirar, contorcer e deformar partes do homem e do vaso, o artista me lembra dessa conexão com sedução e agonia; em um de seus vasos esmaltados, um homem parece atrelado ao recipiente pelas costas, mas não o carrega, não o utiliza; em contraste com a pequena figura humana, o vaso cresce, vira monstro, criatura, mito, carregando o homem consigo.

Ao virar o vaso do avesso, Toni Graton derrama toda a história armazenada lá dentro, os pedaços de herói, bicha e besta se misturam com a matéria e a forma do vaso. Concebidos como recipientes abertos e amantes indecentes, o homem e o vaso se devoram, se mutilam e se preenchem mutuamente.



Vaso de cerâmica esmaltado
44 x 35 x 20 cm
2025



Vaso ao Averso
Cerâmica Esmaltada
29 x 24 x 26 cm
2025

Tem gosto? *Artes Visuais*

ALEXIA CHRISTINNY

Na semana 29 deste ano, fiz um levantamento das exposições em cartaz nos principais espaços culturais de Curitiba — MON, MAC, MuMA, SESC e Caixa Cultural. Visitei mais de 20 exposições em apenas dois dias. Dá para dizer que foi tipo um intensivão de arte, daqueles que esgotam o corpo e ativam a mente.

Desde o primeiro momento, enquanto pesquisava online, percebi uma repetição impossível de se ignorar: boa parte das exposições era sobre nomes consagrados, artistas com carreiras consolidadas, já mortos ou institucionalmente validados há décadas. Uma programação que gira em torno da segurança, do conhecido.

Essa repetição não é só sobre quem aparece, mas como aparece. Ela se manifesta nos formatos expositivos, na escolha dos curadores, no uso insistente do cubo branco e de textos longos que cronologizam a vida como se isso, por si só, justificasse a presença desses trabalhos nos espaços. O problema não é valorizar quem tem longa trajetória, mas quando só essas trajetórias são valorizadas. É claro que revisitar produções e acervos tem seu valor, mas quando isso se torna o eixo principal da programação, o que sobra para o presente? A sensação é de que os artistas locais só existem quando se tornam memória.

Tomo como exemplo a exposição de Rogério Dias, no MAC. Um nome importante da cena local, com produção extensa, colorida e repleta de simbologias. Ainda assim, o que me pegou não foi exatamente o conjunto de trabalhos, mas um detalhe fora do museu. Encontrei na casa da minha avó uma xícara de uma edição de brindes de shopping com uma estampa do artista. Um tipo de caneca que, em 2013, era oferecida no Shopping Palladium para “quem fizer compras a partir de R\$320 pode trocar seus cupons fiscais por uma caneca personalizada pelo

artista plástico paranaense Rogério Dias” (Redação, 2013, “Shopping Palladium faz ação inédita para homenagear os 320 anos de Curitiba”, Banda B). Era uma campanha sobre valorização da cultura paranaense.

Essa lembrança, quase kitsch, diz muito. Porque parece que, em Curitiba, os artistas locais só conquistam espaço institucional depois de terem circulado por algum tipo de mercado, seja o da arte (em galerias) ou o do consumo popular. Com textos densos, labirintos vermelhos e mais de dez eixos, a exposição apresentava um aprofundamento generoso, era como se eu estivesse dentro de um catálogo. Como amante das legendas expandidas, para mim foi um deleite, mesmo conhecendo o artista, dentro da própria exposição era possível compreender as escolhas, tanto pictóricas quanto curatoriais. Apesar das repetições voadoras, gosto quando o artista foge da imagem do pássaro, mas entendo que é na presença dele que se vê a identidade — como em algumas peças colaborativas, por exemplo a peça feita com Geraldo Leão. Contudo, ainda é uma exposição que, mesmo bem cuidada, reforça esse ciclo fechado da cena curitibana. A curadoria se mantém dentro dessa bolha, e mesmo quando assina textos com outras vozes (como Luna Madsen e Marina Ramos), elas aparecem com erros de grafia nos créditos, sei que esse não é o foco, mas para uma exposição numa instituição desse porte, fica o apontamento.

Essa lógica se espalha. No MON,

Trilhos e Traços – Poty 100 anos, Miguel Bakun, Eterno Feminino (Teca Sandrini, curado por Fernando Bini), O Acervo do MAC pelo olhar de Fernando Velloso, confirmam uma estrutura. Nomes antigos, quase todos homens, brancos, com décadas de carreira — e curadores no mesmo perfil. Vale lembrar que o MON quintuplicou seu público nessa semana por conta das férias escolares. É um público diverso e ampliado que encontra uma cena importada e enrijecida. Questiono, mais uma vez, por que Curitiba parece tão apegada a nomes já validados? Onde está o espaço institucional para o novo, para o risco, para o erro até? Mesmo quando se fala em arte contemporânea, ela vem de fora. Eva Jospin (França), Gabriel de la Mora (México), Felipe Moraes (RJ) são exemplos presentes na instituição, representados por grandes galerias e legitimados por outros circuitos. Mas seria ingênuo pensar que isso não esteja diretamente atrelado à lógica do capital e a uma visão tradicional que prioriza relações de mercado, e não o acesso real do público — fora o fato de que a entrada gratuita até este momento ainda é nas quartas-feiras, em horário comercial.

Mas existem exceções. A mostra da Keila Okubo no SESC Centro me chamou atenção. Um trabalho solo, com mais de 60 objetos bordados. Cédulas de dinheiro, bulas, celulares. Escolher objetos do cotidiano e os textos irônicos bordados me pareceram estratégias inteligentes para tensionar consumo, memória e mercado. Ainda assim, a ausência de curadoria externa e o excesso de peças com a mesma

fórmula tornam a experiência um tanto repetitiva. Faltou fôlego na montagem, uma segunda camada de leitura, mas o gesto é potente. No MuMA, a mostra Entrecoisa propõe uma proposta sensorial e mediação acessível. Tentar pensar o espaço para além da visão é legítimo, mas a execução ainda é tímida. Me pareceu mais um primeiro passo do que um projeto consolidado. A presença de consultores em acessibilidade e de oficinas de mediação são aspectos promissores, mas a exposição ainda se resolve muito no plano da intenção.

Já no SESC Paço da Liberdade, me deparei com uma das experiências mais corajosas da semana. Um pouco sobre o amor à liberdade, de Dariane Martiól com sua mãe, Adair Martiól. Diferente da maioria das mostras centradas em trajetória ou consagração, aqui o ponto de partida é a convivência forçada durante a pandemia — quando a artista, que não queria cuidar da mãe, se viu obrigada a isso. E em vez de suavizar essa tensão, ela assume. As imagens são desconfortáveis, às vezes fortes demais, e é justamente isso que as torna tão importantes. É uma exposição que rompe a lógica da celebração e se constrói a partir do incômodo. Uma exposição de vínculo, e não de percurso. E nesse contexto de público ampliado, ela exige muito mais do que contemplação. Ela pede presença, maturidade e estar aberta aos desconfortos.

Exposições que ensaiam outro tipo de presença — mais íntima, sensível ou experimental —, ainda permanecem nas margens. Em instituições menos frequentadas, em salas pequenas com desventuras para se encontrar. Já no centro da programação institucional, continua-se orbitando nomes, redes e carreiras que não se renovam, mas se mantêm. A cena curitibana segue consumindo arte como quem troca cupons por caneca no shopping. Segura, previsível, com manutenção institucional, um tanto plastificada.

Ou começamos a olhar para os artistas presentes — vivos, ativos, inquietos — ou, quando chegar a nossa vez no “spot”, talvez já estejamos exaustos de esperar. E isso não é sobre idade, mas sobre tempo. Sobre o tempo de ocupar o agora. Porque o que se coloca em jogo aqui não é uma rejeição às trajetórias longas, mas a falta de perspectiva para as trajetórias que ainda estão sendo construídas. Talvez o que falte por aqui não seja mais espaço, nem mais exposições, nem mais artistas ou curadores, mas mais coragem. Coragem de mostrar o que ainda não foi visto. Coragem de questionar os critérios de reconhecimento. Coragem de arriscar presença antes que vire memória.